

**REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES**  
 ISSN 1678-3182

VOLUME V

NÚMERO XVIII

JUL - SET 2006

**A política identitária de Antoinette Cosway nos meandros da metaficção e da intertextualidade**

Helena Álvares Bezerra Junior  
 Mestre em Literatura Inglesa- UERJ

Escrito em 1966 pela escritora caribenha Jean Rhys, *Wide Sargasso Sea* é uma narrativa que contesta a representação da mestiça jamaicana Bertha Mason em *Jane Eyre*. Enquanto uma rescritura pós-moderna, o romance questiona verdades científicas e patriarcais do século XIX e descrê da loucura hereditária de Bertha, provocada por mestiçagem entre outros fatores. Mesmo sendo de natureza paródica, *Wide Sargasso Sea* é muito mais do que uma mera reformulação textual. A obra transcende a imitação, descortinando o vasto e complexo universo cultural caribenho. A natureza auto-reflexiva do romance também nos permite lê-lo como um *corpus* autônomo. Entretanto, uma leitura com este enfoque acabaria negligenciando estratégias narrativas que dialogam com o hipotexto mordaz e sutilmente. Na impossibilidade de discernirmos se a metaficção sobrepõe-se à intertextualidade ou vice-versa, propomo-nos a observar como estes componentes textuais se intercomplementam enquanto representam um tema de extrema relevância no romance: a política identitária de Antoinette Cosway: a nova Bertha Mason.

Em função de problemas de ordem social, a identidade de Antoinette é fragmentária e centrífuga. A todo momento, a personagem passa por experiências que a mudam, a transformam, estando sempre num processo de vir a ser. Além do conteúdo, a forma do romance *per se* cultua a cisão. Tanto os recortes entre diferentes narradores quanto a polifonia que interrompe a fala de cada um deles compõem retalhos que, dialogicamente, induzem-nos a pensar tanto na dilaceração psicológica da Antoinette quanto nas escoriações

de Bertha Mason. Tudo isso faz da heteroglossia um aspecto fundamental para estudos sobre fragmentação quer identitária quer textual. Aparentemente, o romance possui três narradores: A parte 1 é contada por Antoinette, a 2 por Rochester e a 3 por Grace Poole, mas Rhys prepara armadilhas para o leitor no campo da focalização, subvertendo as divisões pré-estabelecidas. No primeiro segmento, Antoinette se auto-apresenta como uma jovem crioula jamaicana, descendente de escravocratas da Martinica que, em 1834, logo após a abolição dos escravos, sofre preconceito racial e rejeição tanto por parte de negros e brancos. Neste trecho, ela fala sobre a falência da família Cosway e sobre o segundo casamento de sua mãe Annette com o inglês milionário Mr. Mason. Antoinette apresenta ainda o incêndio da fazenda *Coulibri* ocasionado por negros revoltosos e menciona o episódio em que a mãe é aprisionada como louca.

Na parte 2, o inglês Edward Rochester comanda um discurso racista contra a própria esposa. Em tal capítulo, alega ter sido enganado pelos Masons ao se casar com uma mestiça incasta com propensões à insanidade hereditária. No entanto, Rochester cai em contradição ao admitir seu apreço pelo dote e o desejo de aprisionar Antoinette, assim que chegarem à Inglaterra. O capítulo é menos homogêneo do que parece. Nele, surge uma breve narração da protagonista bem como vozes esparsas que acentuam a complexidade polifônica. Entre elas, as de Daniel Cosway (suposto irmão bastardo de Antoinette), Christophine (ex-escrava dos Cosways) e Hilda (uma operária doméstica) que respectivamente contrariam, afirmam e relativizam verdades promulgadas pela heroína. Neste emaranhado polifônico, os retalhos não formam um todo coerente, antes nos remetem intertextualmente ao corpo monstruoso de Bertha. No jogo da verdade, versões conflitantes debatem-se e se chocam longe de se tornarem fidedignas. Tudo isto leva-nos a ler a estrutura da narrativa como um *corpus* ferido, tal como a identidade da protagonista de Rhys (BAKHTHIN, 1981, p. 279).

A terceira parte da narrativa começa a ser relatada por Grace Poole (a ébria que cuida da Sr<sup>a</sup> Rochester em ambos os romances), mas logo na segunda página de tal capítulo encontramos surpresas. Poole é silenciada e relegada ao plano de pseudo-narradora para que Antoinette seja a porta-voz dos episódios derradeiros. Como o texto evita o desfecho, o leitor só suspeita que Rhys se identifica com Antoinette por ser, em primeiro lugar, a personagem que dá à Bertha Mason uma identidade negada em *Jane Eyre* e, em segundo plano, a voz predominante em todo o romance.

Enquanto encaixamos peças deste quebra-cabeça, percebemos que Antoinette encara diferentes turbulências. Por um lado, sente-se discriminada na Jamaica por ser filha de uma mulher da Martinica; por outro lado, luta contra o preconceito racial dos ingleses para com os mestiços claros. Vivendo em um mundo onde o determinismo biológico impera, a heroína não se sente acolhida nem pelos caucasianos nem pelos afro-caribenhos. Como ela diz: “ingleses vinham nos ver e, embora, eu tivesse medo de seus olhos frios e provocantes, tentava esconder meu sentimento”<sup>1</sup>. Desde pequena, Antoinette sabe que, de acordo com a opinião pública, ela não é branca como os europeus, por isso os negros lhe escarnecem. Após a morte do Sr. Cosway, os ex-escravos se gloriam ao vê-la na pobreza e a chamam de “barata desbotada”: pálida, mas com sangue africano. Mesmo temendo os negros, a protagonista trava amizade com Tia, uma menina da fazenda, para fugir da indiferença de Annette, mas após o casamento desta com Mason, corta-se a relação entre a protagonista e os trabalhadores. O ressentimento mútuo aumenta na noite em que *Coulibri* é incendiada. Em tal episódio, Antoinette é ferida no rosto com uma pedra lançada pela própria Tia. Desde então, a mestiça passa a evitar os afro-caribenhos, abrindo exceção somente para Christophine, uma figura amiga, leal e materna que sempre a apóia e a defende com afinco.

Antoinette também não mantém boas relações com a maior parte dos mestiços. Ela é inimiga de Daniel, que sendo filho bastardo de Cosway, procura difamá-la. Daniel ora divulga a relação extra-conjugal entre ela e Sandi, ora explica que a família miscigenada é vítima de problemas mentais. De acordo com o mulato, os Cosways têm problemas psíquicos há gerações, tanto que Annette teria sido internada por histeria, o Sr. Cosway falecera rangendo os dentes por excesso de ira, e o filho mais novo do casal, morto no incêndio de *Coulibri*, costumava gaguejar e andar com dificuldade.

Em contrapartida, Christophine e Antoinette apresentam outra versão e alegam que o Sr. Cosway morreu de desgosto após a falência, explicam que Annette foi trancafiada não por insanidade, mas por protestar contra a indiferença de Mason. Antoinette ainda confessa que Pierre, o irmão mais novo, tinha problemas na fala e na locomoção, mas discorda de que a família tenha problemas mentais por causa da mestiçagem. A todo o instante, ela rebate, com veemência, a hipótese do pai ou da mãe terem sofrido algum distúrbio neurológico.

Em todos os sentidos, o não-pertencimento de Antoinette é de ordem cultural e vinculado a verdades eurocêntricas prescritas em *Jane Eyre*. Afinal, a associação entre miscigenação e loucura, encontrada em ambos os textos, é proveniente de discursos

científicos predominantes na Inglaterra vitoriana. Em *Jane Eyre*, o diagnóstico do Dr. Carter comprova que a miscigenação, acrescida da fragilidade feminina e da libido exacerbada, levou Bertha à loucura pela seguinte razão: o fato dos negros não pertencerem ao *Homo sapiens* fez com que ela desenvolvesse uma incompatibilidade genética degeneradora, acelerada pela depravação e pela histeria materna. Tanto que antes de enlouquecer, Bertha era bela e parecia branca, e após sofrer da loucura degenerativa, aparece negra e roxeada. Como explica Naomi Zack, antropóloga e especialista em mestiçagem, até o fim do século XIX não havia sido comprovado que os genes e cromossomos do feto são definidos na fecundação. Tanto que “Darwin em sua explicação sobre a hereditariedade postulava que o material genético viajava pelo sangue a partir dos óvulos e espermatozoides, partes do corpo de onde provinham material hereditário específico” (ZACK, 2002, p. 64-5) [Tradução nossa]. Suspeitando de que Brontë tivesse tido acesso a tais informações, Rhys declara em uma de suas cartas: “Charlotte pode ter ouvido sobre a lenda, o que seria achismo (...) [mas] se Charlotte Brontë tirou a horrível Bertha de tal lenda, tenho, também, o direito de tirar Antoinette daí. Acho que ela deveria ser primeiro uma lenda, depois um monstro” (RHYS, 1984, p. 143-5) [Tradução nossa].

Atenta a detalhes que associam a loucura de Bertha à degeneração racial, Rhys parodicamente retoma este tema de duas maneiras distintas em *Wide Sargasso Sea*. Por um lado, a autora apresenta o enegrecimento como fruto do olhar inglês sobre o outro, ligando o escurecimento cutâneo a preconceito e à abjeção. Inicialmente, Rochester descreve-a como quase inglesa. Já na cerimônia de casamento, não tem certeza se olha para um rosto branco ou negro. Na lua de mel, ele a vê morena e, quando Antoinette revela sua fúria e histeria, ela sofre uma metamorfose, assemelhando-se instantaneamente a uma mulher negra: “Quando olhei para ela, havia uma máscara em sua face e seus olhos eram inofensivos. Era uma guerreira, tive que admitir” (WSS, p. 105). Trazendo cenas de realismo mágico, Rhys faz-nos pensar que Rochester – e não Antoinette – tenha enlouquecido. Mesmo porque outros personagens como Amélie e Baptiste também escurecem perante os olhos do colonizador. Daí por diante, Rochester imagina que todos os caribenhos sejam Zumbis e espera que Antoinette volte a sofrer outra transmutação: “Ela soltará seu cabelo negro, e rirá e insistirá e me cortejará” (WSS, p. 107).

Paradoxalmente, Rhys brinca com o enegrecimento da mestiça de outra forma, conduzindo-nos à busca identitária da protagonista. Enquanto Antoinette assemelha-se à monstruosa

Bertha, a metamorfose funciona como o clímax de um processo metaficcional e intertextual prenunciado desde a infância da personagem. No primeiro capítulo, Antoinette se identifica com Tia e Christophine. Quando a protagonista corta os cabelos queimados após o incêndio de *Coulibri*, tem certeza de que novos fios nascerão mais escuros e grossos. Ao andar pelas ruas, ela é apelidada de Zumbi. Tal observação também será feita por Rochester e, posteriormente, por Christophine. É importante ressaltar que, antes de partir para a Inglaterra, Antoinette já mentalizava um quarto vermelho onde estivera há muito tempo atrás, confirmando a relação intertextual entre Antoinette, *Jane Eyre* e sua antiga encarnação. Então, quando a personagem ganha a aparência de Bertha, também incorpora a imagem ameaçadora do Zumbi, externando um processo de mudanças internas que só vem à tona no fim do romance. Já presa em Thornfield Hall, ela diz que sua antiga *persona* – linda, bela e arrumada voa janela a fora, cedendo espaço para a mulher de cabelos alvoroçados que lhe aparece no espelho desde pequena. Assim, quando a figura rebelde salta do vidro, Antoinette passa a ser Bertha, realizando simbolicamente um sonho pessoal de Rhys descrito em suas cartas: ser negra. Enfim quando o hipertexto e o hipotexto convergem para um mesmo eixo, Antoinette/Bertha finalmente incendeia a casa, desconstruindo a estrutura imperialista e patriarcal que a aprisiona e a cala. Em última instância, ela salta em rumo à liberdade, sendo já uma mulher capaz de aceitar sua identidade. Neste momento, percebe-se que a intertextualidade reforça a noção de vingança: afinal, Bertha é uma figura rebelde e implacável, mas somente através da trajetória de Antoinette, ou seja, do processo metaficcional, conseguimos mensurar o tamanho da vitória da protagonista e sua breve sensação de pertencimento no fim da narrativa. Afinal, o que pesa mais no tocante à identidade? De fato, estas questões não são resolvidas no texto. Por isso mesmo, o leitor sempre estará emaranhado no mar de sargaços.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, Mikhail. *The Dialogic Imagination – Four Essays*. Michael Holquist ed. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BLUMENBACH, Johann Friedrich. *The Anthropological Treatises of Johann Blumenbach*. London: Longman, 1973.
- BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. London: Penguin Classics, 1994.

- CARLYLE, Thomas. *The Nigger Question*. In: *Occasional Discourse on the Nigger Question*. London: T. Bosworth Press, 1843. p. 345-356.
- EDWARDS, William Frédéric. *On the Influence of Physical Agents on Life*. London: S. Hinghley, 1950.
- KANT, Immanuel. *Observations on the Feeling of the Beautiful and Sublime*. Berkley: University of California Press, 1996.
- KNOX, Robert. *The Races of Man – excerpt*. In: LONSDALE, Henry. *A Sketch of the Life and writings of Robert Knox, the Anatomist*. New York: Macmillan and Co., 1980.
- LONG, Edward. *History of Jamaica: Reflections on Its Situation, Settlements, Inhabitants, Climate, Products, Commerce, Laws and Government*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.
- MEYER, Susan. Colonialism and the Figurative Strategy of *Jane Eyre*. *Victorian Studies*, 33 (1990), p. 247-68.
- RHYS, Jean. *Wide Sargasso Sea*. Hilary Jenkins ed. London: Penguin Books, 2001.
- \_\_\_\_\_. *The Black Exercise Book – excerpt*. In: HOWELLS, Cora Ann. *Jean Rhys*. Hemel Hempstead: Harvester, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Jean Rhys Letters, 1931-1966*. WYNDHAM, Francis & MELLY, Diana (ed.). London: André Deutch, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Voyage in the Dark*. London: Penguin Books, 1967.
- SHOWALTER, Elaine. *Sexual Anarchy: Gender and Culture at the Fin de Siècle*. London: Virago, 1995.
- THORPE, Michael. 'The Other Side': *Wide Sargasso Sea* and *Jane Eyre*. In: *ARIEL, A Review of International English Literature*, 8:3 (July 2000).
- WALKER, Alexander. Intermarriage. In: BARRECA, Regina ed. *Desire and Imagination*. London: Meridian, 1995. p. 17-34.
- WHITE, Charles. *Account of the Gradation of Man*. London: Thoemmes Continuum, 2003.
- YOUNG, Robert. Hybridity and Diaspora. In: *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*. London: Routledge, 1995.
- ZACK, Naomi. *Philosophy of Science and Race*. New York: Routledge, 2002.

---

<sup>1</sup> RHYS, Jean. *Wide Sargasso Sea*. London: Penguin Books, 2001. p. 105. Doravante, todas as referências deste texto serão indicadas pelas iniciais *WSS*, seguidas de número de página. Todas as traduções do romance são de nossa autoria.